

humanitas

**Vol. LXV
2013**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

o faz acompanhando a edição das cartas, não só de uma anotação exaustiva como de um estudo preliminar. Este estudo preliminar, o epistolário em castelhano (40 cartas), suas edição e notas são da responsabilidade de Francisco Javier Fuente Fernandez. A parte do epistolário latino (7 cartas), edição crítica e anotação, é da responsabilidade de Juan Francisco Dominguez Dominguez. Esta parte, de bastante menor extensão, integra cartas latinas de Pedro de Valencia, cartas latinas recebidas do impressor Juan Moreto e uma dedicatória de Arias Montano ao humanista. Do epistolário latino apresenta-se a vantajosa edição bilingue com respectivo aparato crítico e notas.

Um pouco desconcertante é o facto de o livro apresentar um bom elenco bibliográfico no fim da parte relativa ao epistolário castelhano enquanto é omissos em relação ao epistolário latino. É certamente resultado de a obra consistir em dois trabalhos quase independentes e não numa peça ‘a quatro mãos’. No final, a obra apresenta um extenso índice de nomes que facilita o aproveitamento da obra por parte de leitores com diferentes interesses e perspectivas de estudo.

Num total de 47 cartas, de que apenas quatro não são correspondência activa de Pedro de Valencia, este volume oferece ao leitor uma aproximação ao humanista e à cultura do seu tempo. A sua leitura abre acesso a informações relevantes em vários domínios, como é natural no género epistolar. Desde logo no campo da história literária, pois nestas cartas se inclui o que é considerado a primeira crítica literária de Luis de Gôngora. Mas Pedro de Valencia trata dos assuntos mais variados, da filologia à exegese bíblica, da política à economia, passando pelos problemas domésticos de um pai de família. Trata-se, por isso, de uma leitura interessante a vários níveis, quer para um conhecimento mais documentado de Pedro de Valencia quer do Humanismo do seu tempo em aspectos menos estudados.

CARLOTA MIRANDA URBANO

Vieira, Brunno V. G., *Lucano: Farsália, Cantos de I a V*. Introdução, tradução e notas, edição bilingue, Campinas, SP, Editora da Unicamp, 2011, 424 pp., ISBN: 978-85-268-0913-0

A edição com tradução portuguesa destes cinco livros sobre a *Guerra Civil*, de Marco Aneu Lucano, mais conhecida pelo consagrado título de *Farsália*, faz parte do importante projeto de tradução dos dez livros que a compõem, da responsabilidade do Prof. Doutor Brunno V. G. Vieira.

Neste primeiro volume, o texto e tradução vêm precedidos de uma introdução de cerca de 50 páginas, muito bem organizada e documentada, em que se expõem os dados relativos à biografia de Lucano; as matérias ligadas ao poema, começando pelo próprio título, seguido de uma síntese dos assuntos narrados, de uma análise sobre questões de gênero, forma e intertexto e incidindo sobre o tema polémico da simbiose entre poesia e história deste poema épico, e sobre a questão da estrutura e coerência da personalidade do poeta e do seu modo de narrar; e, enfim, um estudo acerca da intertextualidade da *Farsália* em relação a outros autores precedentes, sobretudo a Virgílio, sublinhando a novidade de Lucano relativamente ao modelo tradicional homérico-virgiliano, ao banir da sua epopeia a presença diretora do sistema mitológico da narrativa antiga, e ao relatar a sequência dos acontecimentos humanos segundo uma via historiográfica.

As últimas páginas da Introdução estão dedicadas às teorias da tradução, pondo em evidência o conceito de “idioma estilístico” como a via pluriforme de traduzir um texto literário tendo em conta e dependendo das circunstâncias histórico-idiossincráticas de cada leitor-tradutor.

É nestas mesmas páginas que Brunno V. G. Vieira expõe o método seguido no seu trabalho, pondo de parte a hipótese de traduzir em prosa esta obra de Lucano e explicando as razões por que optou pela tradução em verso metrificado na forma do dodecassílabo alexandrino, de longa tradição tanto em poetas de língua portuguesa como em tradutores de obras poéticas para português.

A mesma introdução é apoiada por uma rica bibliografia específica e de referência, criteriosamente organizada e atualizada, que abrange vários setores: traduções e antigos comentários da *Farsália*; outras obras da literatura clássica e suas traduções; estudos científicos sobre língua, literatura e teoria da tradução; e obras especializadas e fundamentais do âmbito da gramatologia e da lexicografia.

Ao recorrer ao verso dodecassilábico alexandrino, embora sem a preocupação de obedecer a todas as suas exigências métricas e rítmicas, o tradutor Brunno V. G. Vieira, assumiu uma arrojada tarefa que ele cumpriu com alta competência e sentido estético, consciente das dificuldades e riscos de tal decisão.

Na verdade, sabendo que o latim é uma língua de estrutura muito mais sintética do que o português e grande parte das outras línguas vernáculas, de caráter muito mais analítico, e, por outro lado, tendo o hexâmetro latino um número mínimo de treze sílabas e um máximo de dezassete,

portanto uma média de quinze sílabas (ou mais, se atendermos a que a frequência de pés dáctilos é geralmente superior à dos espondeus), torna-se tarefa verdadeiramente impossível enquadrar uma tradução portuguesa de métrica alexandrina no mesmo número de versos do correspondente poema hexamétrico-dactílico latino.

É verdade que, a este propósito, o tradutor faz na sua introdução (p. 61) o seguinte esclarecimento: “Não seguimos estritamente o critério de verter o texto latino pelo mesmo número de versos portugueses, mas não podemos negar que idealmente adotamos esse parâmetro como baliza”. E de facto, na prática, esse ideal foi quase atingido, porquanto verificamos que os 3.826 versos latinos destes cinco cantos da *Farsália* (descontados os versos “436-440” do Canto I considerados espúrios e, por isso, não transcritos no texto, mas estranhamente contados para efeito de numeração), foram traduzidos em 4.030 versos portugueses, o que corresponde a um insignificante aumento de cerca de 5,3%, quando sabemos que um texto latino traduzido sem peias métricas para português resulta num aumento médio de espaço de cerca de 20%.

Estes constrangimentos métricos e espaciais levaram o tradutor a procurar uma expressão contida, recorrendo a vocabulário curto ou reduzido (do tipo de pasmo, semelho, inda, imigo, “embaixo” por “embaixado”, des que, etc.) e a latinismos como prélio, nubífero, belaz, segures (substantivo), mélite, frugíferos, imbeles, morrente, cimba, estupor (≈torpor), monstricida, moritura, dicado, imoto, minaz, infida, inaccessa, hiemal, inexpertas, equóreo/a, labefactas, nuvioso, e “nem não” (que traduz a *necnon* de sentido afirmativo enfático), ou a formações latinizantes (algumas bem conseguidas), como bracirroto, erosinado, longirrolantes, onirrompente, turbinar; e bem assim, usando frequentemente da transposição ou hipérbato não apenas para efeito estético e rítmico mas também para reduzir o número de sílabas por ação da sinalefa, com os riscos de ambiguidade que essa inversão acarreta; e ainda, num ou noutro caso, arriscando até o abandono de alguns valores semânticos do texto original.

Só nas páginas 84-85, que contêm os versos 87-101 do Canto I, encontramos mais que um exemplo de alguns dos riscos atrás mencionados.

Assim, no texto do verso 87 “*O male concordēs nimiaque cupidine caeci*”, vertido na belíssima forma, mas algo infiel, “Ó parceiros de nada, cegos de cobiça!”, faltou traduzir o conteúdo semântico de *nimia*, que poderia ser incluído, mesmo dentro do esquema do dodecassílabo, desta maneira: “Ó desavindos, cegos de extrema cobiça!”

Exemplo de alguma ambiguidade e de nova lacuna são os seguintes versos 89-91 do mesmo Canto I:

*[...]Dum terra fretum terramque leuabit
aer et longi uoluent Titana labores
noxque diem caelo totidem per signa sequetur,*
traduzidos por:

*“Enquanto o mar a terra sustiver e o céu
terra, e se mover Titã-Sol sem descanso
e a noite seguir, no alto, o dia pelos signos,”*

A ambiguidade, para um leitor não ilustrado na dinâmica astral, está em não ficar bem claro, nos versos 89-90 da tradução portuguesa, quem sustém o quê. Por outro lado faltou traduzir o adjetivo indeclinável *totidem*, cujo significado viria dar muito mais força à tradução portuguesa, por estabelecer com o verso anterior uma fundamental correlação semântica e completar o seu próprio sentido na medida em que afirma que os signos zodiacais são os mesmos em número tanto para o Sol (de dia) como de noite (para a Lua). Numa tradução liberta do espartilho de qualquer esquema métrico obrigatório, isto é, em verso livre, que não deixa de ser poético pois tem o ritmo resultante da cadência e musicalidade próprias de cada palavra e da sua sintaxe, poderíamos propor as seguintes alterações:

*“Enquanto ao mar a terra sustiver e à terra o céu,
e os longos círculos fizerem girar o Titã-Sol,
e a noite seguir, no alto, por outros tantos signos,”*

Finalmente, a tradução da seguinte parte dos vv. 101-102 do mesmo Canto I, [...] *qualiter undas / qui secat et geminum gracilis mare separat Isthmos / Nec patitur conferre fretum*, além de não traduzir parte de uma das três frases do texto, apresenta uma transposição da palavra “Istmo” tão forçada, que choca qualquer leitor desprevenido:

*“[...] Como o pequeno, que separa o gêmeo
mar, Istmo, e que não deixa mesclarem-se as ondas,”*

Uma proposta de melhor fluência e clareza, e que não deixa nada de fora, poderia ser, por exemplo:

*“[...] Como o fino Istmo que as ondas divide
e o gémeo mar separa e o pego unir não deixa,”*

Outros exemplos desta e de outra ordem podem encontrar-se ao longo do poema. Na impossibilidade de os mencionar a todos, referiremos apenas alguns dos mais significativos. Assim, em I, 147, o termo *temerando* deveria ser traduzido por “sanguinário” ou “ensanguentado” (em rigor e em sentido pregnante: “manchado de sangue”); em I, 430, *bracis* talvez merecesse ser traduzido por “bragas”, em homenagem ao ditado português “Não se pescam trutas de bragas enxutas”; em I, 456-457, em atenção ao amplo significado de *artus*, a respetiva frase poderia ser “a mesma alma os membros / em outro mundo move” sem perturbar o esquema métrico; em II, 52-53, para manter o sentido de *reddite* do verbo *reddere* (tornar, devolver, transformar) e não confundir com *redite*, de *redire* (vir de novo, voltar, regressar), parte dos versos poderia ser vertida assim: “Façam-nos / inimigos do mundo: fora a civil guerra.”; em II, 144, para tornar mais clara e rigorosa a ideia de poder sobreviver (*possent superesse*), a tradução poderia ser “mas quando só culpados já viver podiam”; em III, 287-8, para distinguir o valor qualitativo de *tantus* (tão grande, tamanho) do valor quantitativo de *tot* (tantos, tanta quantidade de), a primeira parte do verso 448 da tradução poderia ser “com tamanhas naus”; em IV, 313, a frase “nas reses prenhes se amamentam” que traduz *distentas siccant pecudes* (uma clara influência virgiliana: vd. *Bucólicas* 4, 21; 7, 3 e 9,31), torna-se, no mínimo, ambígua, porquanto o conceito de “prenhe” aplica-se às fêmeas grávidas, que só dão leite depois da gravidez, e por isso, o verso inteiro poderia ser traduzido por “Qual feras, secam das reses as tetas cheias”.

Importa anotar também um conjunto de casos de ortografia onomástica que não segue a registada nos vocabulários considerados linguisticamente corretos, que o tradutor diz ter consultado, designadamente o Índice de *nomes próprios...* de MHTC Urenã Prieto *et alii*. Fazem parte desse grupo os seguintes nomes: Épiro, por Epiro; Dion, por Díon; Mitrídates, por Mitridates; Hipodâmia, por Hipodamia; Nemete, por Némete; Teutate e Teutato, por Teutates; Érebro, por Érebo; Dion Crisóstimo, por Díon Crisóstomo; Lamprinio, por Lamprídio; Artêmis, por Ártemis; Enió, por Énio; Helicon, por Hélicon; Citeron, por Citéron; Ataman, por Átaman; Iulo, por Iúlo; Abila, por Ábila; Pirinéus, por Pirenéus; Jáder, por Iáder; Curites, por Curictes; Massinissa, por Masinissa; Cesáres, por Césares;

Sadala, por Sádala; Irânime, por Inárime; Sipunto, por Siponto ou Sipunte; Hapso, por Apso; Eolo, por Éolo; Lisse, por Lisso; Nifeu por Ninfu; Lacial, por Laciár (variante preferível, por respeito para com o texto latino).

Além destes casos há mais os seguintes, cujo desvio de acento tónico é justificado pela liberdade poética de atender às exigências da métrica ou do ritmo: Bituriges, por Bitúriges, I, 442, por causa do acento rítmico; Cétego por Cetego, II, 544, Céfiso por Cefiso, III, 174, e Taigeto, por Taígeto, V, 52, em razão da métrica; e Piton, por Píton, V, 80, justificada pela métrica e pela expressa opção do tradutor.

É possível que alguns destes desvios sejam apenas devidos à mão tipográfica.

Existem, também, várias outras falhas tipográficas das quais basta registar apenas, no texto latino, a falta dos vv. 107-108 do Canto I.

Feitas estas observações e reparos, importa dizer que tudo isto não passa de pormenores, de casos pontuais e de minudências perante o notável trabalho de tradução e pesquisa, em que o tradutor revela um profundo conhecimento da língua de partida, o latim, e um domínio invulgar dos escaninhos da língua portuguesa, demonstrado no recurso a um considerável manancial de palavras raras e também na composição de neologismos segundo as regras da matriz latina do português.

Além disso, tendo optado pelo exigente modelo da poesia metrificada, com suas virtudes e seus riscos, soube, a todo o tempo, lutar contra as dificuldades e os constrangimentos que ela implica e conseguiu um resultado final que, apesar das pequenas lacunas, se impõe pelo seu alto valor científico e estético.

Esta tradução da *Farsália* de Lucano traz aos povos de cultura novilatina em geral, e sobretudo ao espaço dos falantes de língua portuguesa, um instrumento de inestimável valor para o incremento do estudo e apreciação de um poeta clássico da língua latina que tem sido lamentável e imerecidamente secundarizado e esquecido.

Esperemos que o leitor moderno, apesar dos seus novos saberes e sabores poéticos, diferentes do mundo clássico, e formado e habituado a novos ritmos, encontre nesta tradução um encanto renovado que o atraia, pela diferença, também para estas cadências poéticas.

SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO